

**O EXISTIR HUMANO ATRAVESSADO PELO AMOR:
A FILOSOFIA DO EROS EM KIERKEGAARD E BAUMAN –
UMA LEITURA INTRODUTÓRIA**

*Autor: Paloma Melo
Co-autor/Orientador: Cristiano Cerezer¹*

Introdução: o amor encruzilhada – drama fluido

Há um ditado antigo que diz: “Você é o que você ama!”. Nele parece transparecer uma conexão intuitiva entre amor e valor. Mas o quão estável e garantida é esta conexão? Não vivemos uma época de hipercontextualidade, transitoriedade e instantaneidade cujo imaginário social traduz não mais em “ser”, mas em “ficar” ou “deixar ir”? Como vivemos o amor hoje em dia?

O presente texto busca levar o leitor a uma reflexão sobre o amor. Tema este, que acaba por ser muitas vezes banalizado nas experiências durante a vida. Em um primeiro momento, tem-se o intuito de apresentar os autores e situar no tempo suas teorias. A pesquisa aqui desenvolvida conta com uma metodologia bibliográfica de cunho qualitativo, através da qual se pretende abordar o tema e dá-lo uma significação filosófica por meio de uma problematização das teorias. A estrutura teórica conta basicamente com as

¹ Paloma é aluna de graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Cristiano é professor de Filosofia na UNIFRA e doutorando na UFSM – cristianocerezer@gmail.com

seguintes obras: *A Filosofia do Amor* (2006) de Georg Simmel, *As obras do amor* (2005) de Kierkegaard, *Modernidade Líquida* (2001), *Amor Líquido* (2004) e *Vida para o Consumo* (2008) de Zygmunt Bauman.

Kierkegaard, filósofo e teólogo dinamarquês do século XIX, cujo pensamento abre o existencialismo contemporâneo. Contrariamente à Nietzsche, que seguia uma linha genealógica ateísta e vitalista, sua teoria é de inspiração cristã e focada no drama existencial cuja afetividade busca uma significatividade transcendente, que implica a angústia da decisão e a tensão da relação. Considerado o primeiro autor propriamente existencialista, Kierkegaard debruçou-se sobre o sentido dramático que tem a vida humana, na qual o drama amoroso é fundamental.

Bauman é sociólogo polonês, pensador e crítico da pós-modernidade. Tal crítica tem como influência autores, como por exemplo, o filósofo Karl Marx. De Marx, Bauman retoma a análise estrutural da economia, bem como, a crítica aos discursos ideológicos. Bauman diagnostica a “fluidez” dos valores numa época de transitoriedade e instantaneidade, em que as “relações escorrem por entre os dedos”, redefinir a valoração e/da relação na pós-modernidade é algo desafiador.

O amor é encruzilhada de forças, drama fluído em cujo enigma nos encontramos e nos perdemos, mas cuja significação devemos pensar.

O amor e seus sentidos: Georg Simmel, F. Alberoni, A. Botton

Desde *O Banquete* de Platão, o tema do Amor ou do Eros entra para a tradição filosófica como um tema inquietante, sedutor, esquivo, polêmico, mas insistente. Os personagens desse diálogo traduzem diversas concepções do Eros que vão desde a “força de atração e harmonia que emerge do caos e produz o cosmos”, passando pela “nostalgia da totalidade perdida” até a

“aspiração racional pela virtude como ideia de Beleza realizada” (LANCELIN/LEMONNIER, p.15-24).

Desde então, várias concepções de amor surgem sendo retrabalhadas histórica e conceitualmente. O amor como *pathos* é aquele que diz respeito ao desejo sexual e a paixão, isto é, você assume o outro como objeto. Para esse tipo de amor, basta que haja reciprocidade de vontade e atração sexual entre os parceiros para que então ele se efetive. O amor *ludos* é aquele que se desdobra como jogo afetivo de expectativas, em que o gesto espontâneo se mistura à estratégia, numa oscilação de posse e desposseção. O amor como *philia*, diz respeito à amizade, nesse caso, você assume o outro como sujeito, e, no entanto, assim como o *pathos*, o amor como *philia*, necessita de uma reciprocidade, pois como você pode ser amigo de alguém que não quer ser seu amigo? Diferente desses dois amores é o amor *ágape*. Este diz respeito ao amor compartilhado e ampliado, desinteressado. Traduzido no mundo latino cristão por *caritas*, passa a significar algo entre o dever e o dom de cada sujeito para com toda a humanidade, não há nesse caso, sujeito e objeto, e não exige reciprocidade.

Georg Simmel é sociólogo, filósofo e psicólogo nascido em Berlim em 1858. Na sua obra *Filosofia do amor* (2006) apresenta o seguinte:

Mas o específico do amor é excluir do amor existente a qualidade mediadora de seu objeto, sempre relativamente geral, que provocou o amor por ele. Ele permaneceu em seguida como intenção direta e centralmente dirigida para esse objeto, e revela a sua natureza verdadeira e incomparável precisamente nos casos em que sobrevive ao desaparecimento indubitável do que foi sua razão de nascer (SIMMEL, p. 129)

Francesco Alberoni, psicólogo e sexólogo, faz notar no processo amoroso – ou erotismo – que:

O erotismo se apresenta sob o signo da diferença (ALBERONI, 1989, p. 09).

[...] O grande sonho da sedução feminina é a continuidade do amor. No centro do erotismo masculino, ao contrário, vamos encontrar a descontinuidade do prazer sexual (*idem*, p. 49)

[...] A ética, como o amor, é vínculo, compromisso, continuidade. A liberdade do erotismo, porém, diverte-se ou exerce-se na descontinuidade, mesmo quando busca ser contínua (*idem*, p. 53-4)

[...] O verdadeiro erotismo somente é possível quando cada sexo procura compreender o outro, consegue colocar-se em seu lugar, tornar suas as fantasias do outro (*idem*, p. 79)

[...] Existem vários tipos de amor, e eles se misturam... existe o enamoramento que brota de um momento mágico e se captura numa idealidade (*idem*, p.146-49)

[...] Existe também uma forma de amor que brota pouco a pouco do erotismo e da amizade (*idem*, p.149).

E Alain de Botton, em seus *Ensaio de Amor*, de modo auto-biográfico e reflexivo, faz um passeio filosófico pelas ambiguidades e intermitências do amar. Com isto percebemos o quão multifacetado e controverso é o fenômeno amoroso.

O amor ágape e suas implicações

O amor ágape defendido por Kierkegaard (2005) obedece à máxima bíblica “amai o teu próximo como a ti mesmo”, talvez você pergunte quem é meu próximo? Nesse sentido, Kierkegaard diz “ao reconhecer o teu dever tu descobres facilmente quem é teu próximo” (2005, p. 37). Quando o amor é visto como dever ele não se importa com a cor, com as opiniões, com o estilo, nem mesmo com o caráter do outro, apenas age com amor sem considerar mais nada. “Amam o teu próximo a ti mesmo” tem mais de uma implicação na vida cotidiana. O “como a ti mesmo” chama o sujeito para colocar-se no lugar do outro, por exemplo, você gostaria de receber roupas secas depois de um banho de chuva em uma noite de inverno? Se sim, pense que teu inimigo também gostaria de encontrar alguém disposto ao mesmo gesto. Certamente você gostaria de receber as roupas secas sem que a pessoa que lhe emprestou ficasse lembrando-o de todas as vezes que você foi estúpido e mentiroso. Note

que para seu ato seja de amor para com seu inimigo, significa que você iria emprestar as roupas sem lembrá-lo de todas as vezes que ele te prejudicou. Veja, nisso consiste o amor ágape. Ter o amor como dever é assumir a responsabilidade de viver na contramão da sociedade atual. Hoje em dia, a maior parte das pessoas repele se colocadas diante de um dever, desse modo, aparecem às dúvidas será que somos capazes desse tipo de amor? Em que momento de nossas vidas enxergamos o amor ágape? Sobre a segunda interrogação, Kierkegaard afirma que:

O primeiro ponto que desenvolvemos neste discurso foi precisamente que é necessário crer no amor, senão nem se perceberá que ele está presente, mas agora nosso discurso volta novamente ao seu ponto de partida, e repete: crê no amor! [...] Não se esqueças: já se daria a conhecer, se tu, a respeito de outro ser humano cujo amor talvez dê frutos menos valiosos, tivesses amor suficiente para vê-los mais belos do que são. Se a desconfiança pode perceber uma coisa como menor do que é, também o amor pode ver algo como maior do que ele é. (KIERKEGAARD, 2005, p. 30-1)

Assim, só enxerga os frutos do amor quem é capaz de crer no amor. *A fé no amor* é um *salto de fé* que muda qualitativamente a relação do *sujeito* com sua própria *existência*, sem mediação ou reciprocidade. Aquele que é capaz de perceber a grandeza dos gestos para além de qualquer falha, para além das coisas pequenas, pois o amor é algo grandioso. A desconfiança, por sua vez, não deixa espaço para o amor, é, pois, o sentimento de sempre duvidar e isso inviabiliza o amor. Pode-se dizer que só conhece o amor aquele que é generoso o suficiente para perceber a grandeza do gesto alheio. É preciso muito amor dentro de si a ponto de dar-se a notar o amor na ação do outro.

Kierkegaard faz uma diferença importante entre *amor imediato/espontâneo* e *amor por dever*. O filósofo afirma que o amor espontâneo pode por qualquer motivo tornar-se ódio, tornar-se destrutivo e essa dupla possibilidade por vezes pode parecer atrativa aos olhos dos humanos. Sobre

isso, o filósofo faz uma ressalva: “tão perigoso é o ardor do amor imediato, por maior que seja o seu prazer, tão perigoso que este ardor facilmente pode tornar-se numa doença” (2005, p. 52). O amor por dever não se altera, pois não considera nada além do dever, ele é imutável, isto é, eterno. Nesse sentido, vejamos a citação em que Kierkegaard aponta as diferenças entre o amor espontâneo e o amor por dever:

Poderia parecer como se houvesse um fogo completamente diferente, no amor imediato, uma vez que ele pode tornar-se ciúme, ai, mas este fogo é, afinal de contas, justamente o terrível. Poderia parecer como se houvesse um fogo completamente diferente, quando ele vigia sobre seu objeto com cem olhos, enquanto que o amor simples por assim dizer possui apenas um único olho para seu amor [...] E de que modo então aquele amor simples está protegido contra o ciúme? Não será porque ele não ama baseado em comparações? Ele não começa por amar imediatamente a partir de preferências, ele ama, por isso jamais chegará a amar de modo doentio à base de comparações: ele ama. (KIERKEGAARD, 2005, p. 53)

O amor imediato que “é fogo” não tem preocupação com o dever. A falta de dever é o que abre espaço para mudança de estado, ora é amor espontâneo, ora já é ciúme. Fazer comparações e ter preferências é limitar o amor, enquanto o amor por dever nada tem de limitação, pois é universal. Sendo assim, pode-se perceber que na realidade o que temos é limitação do amor. Quando há amor é um amor restrito, como se o amor pudesse diminuir ou escapar entre os dedos, os sujeitos tem receio de sair por aí amando o mundo todo e assim, o que enxerga-se é um amor pobre, cheio de preferências e muitas vezes até desumano.

De acordo com Kierkegaard (2005) não há amor ao próximo no “amor de si”. O que o filósofo quer dizer com “amor de si”? É possível notar essa manifestação de amor em uma relação de amizade. Por exemplo, Maria é amiga de Cássia porque ambas tem afinidades na área profissional, gostam dos

mesmos artistas, tem estilos de vida semelhantes. Para o momento, esse é o melhor exemplo de amor de si. Nas palavras do filósofo: “no amado e no amigo não se ama o próximo, mas sim o outro eu, ou uma segunda vez o primeiro eu ainda mais alto” (2005, p. 77). O outro eu porque são as semelhanças que aproximam Maria de Cássia e não as diferenças. Ambas não seriam amigas se Maria gostasse de rock e Cássia de sertanejo universitário, ambas não seriam amigas se Cássia tivesse um discurso opressor e Maria um discurso libertário, por exemplo. Eis aqui o problema para Kierkegaard e eis aqui também a maior contribuição do filósofo para este estudo. Tratar do amor ao próximo é tratar do universal e nisso estão implicadas todas as diferenças possíveis entre os seres humanos. Esse é o maior problema, amar independente de qualquer diferença, amar o inimigo, amar aquele que te fez mal, amar aquele que é indiferente a tua existência, amar aquele que não te ama e amar aquele que você nem conhece. Será que somos ainda capazes de amar nessas circunstâncias? Será que somos capazes de atos de amor? Será que somos capazes de superar nossas fraquezas e amar no sentido que Kierkegaard entende o amor? O caminho para tais respostas é árduo e diz respeito diretamente ao modo como vivemos e enxergamos a vida como um todo. Ver a vida como um todo implica olhar para dentro e simultaneamente olhar para fora, olhar para as relações que mantemos e como mantemos.

Relações descartáveis: A Era Líquida

Bauman usa o termo “líquido” em suas obras, como exemplo, *Modernidade Líquida* (2001) e *Amor Líquido* (2004) e *Vida para o Consumo* (2008), quando trata da sociedade decadente, das relações humanas descomprometidas e do amor que por consequência também se tornou líquido. Para tratar das relações humanas e com isso do amor, antes é preciso observar o contexto, isto é, o que está em volta dos humanos e como isso os afeta. O mundo atual é

movido pelas relações de poder, dinheiro, consumo, meios de comunicação de massa, aparências e amores de uma noite. “Tudo é passageiro”, esse parece ser o *slogan* dos tempos atuais, e sendo assim, não é preciso zelo diante das relações humanas, não é preciso esforço para manter laços verdadeiros e só se deixar levar. Para onde seremos levados nessas circunstâncias? Esse parece ser o problema do qual Bauman se ocupa e que também impulsiona esse estudo. Na busca demasiada por conforto material, por um corpo bem delineado e por prazeres momentâneos acabamos muitas vezes descartando o essencial. Talvez fosse mais prudente se perguntar sobre o que realmente importa, por exemplo, uma roupa de grife apenas para mostrar aos colegas da empresa como você investiu seu salário ou quem sabe um jantar em casa com seus melhores amigos? Se gasta muito tempo tentando mostrar aos outros o que se tem, enquanto o “possuir” é só mais uma forma de deixar a existência humana em segundo plano. É só mais uma forma torta de compensar a frustração e o desespero das experiências da vida. O *Ter* esconde a fragilidade do *Ser*. Nesse sentido, vejamos o que afirma Bauman na citação abaixo:

Para se manter vivo e fresco, o desejo deve ser, algumas vezes, e frequentemente, satisfeito - ainda que a satisfação signifique o fim do desejo. A sociedade dominada pela estética do consumo precisa, portanto de um tipo muito especial de satisfação - semelhante ao *pharmakon* de Derrida, essa droga curativa que é ao mesmo tempo um veneno, ou melhor, uma droga que deve ser dosada cuidadosamente, nunca na dosagem completa - que mata. Uma satisfação que não é realmente satisfatória, nunca bebida até o fim, sempre abandonada pela metade. “Agora” é a palavra-chave da estratégia de vida, ao que quer que essa estratégia se aplique e independente do que mais possa sugerir. Num mundo inseguro e imprevisível, o viajante esperto fará o possível para imitar os felizes globais que viajam leves, e não derramarão muitas lágrimas ao se livrar de qualquer coisa que atrapalhe os movimentos (BAUMAN, 2001, p. 183).

A satisfação enquanto droga é altamente viciante e o que mostra a experiência é que a maior parte dos indivíduos já está viciada. O vício por uma

satisfação constante é o que leva ao consumo desenfreado, a repetição programada do que se vê e ouve nos meios de comunicação, por exemplo. O vício assim, não é seletivo, nesse estado o indivíduo só quer satisfazer sua vontade de forma imediata e por isso compra coisas para se exibir e repete o que ouviu alguém dizer sem saber o fundamento e as razões de ser daquela fala. Tudo isso para ter a breve sensação de bem-estar e um sorriso no rosto parecido com o dos famosos nas capas de revista, porém, logo em seguida, vem à frustração por saber que sua conta bancária não é como a dos famosos na capa e que sua vida tem problemas reais e que nenhuma máscara as faz sumir. Bauman afirma sobre como os sujeitos vivem e mantem suas relações:

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e a remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível (BAUMAN, 2008, p. 45)

O amor se torna líquido ao passo que o indivíduo trata pessoas como objeto. Há uma insaciabilidade enorme na relação sujeito-objeto que pode ainda que de forma imediata ser satisfeita com facilidade. Porém, quando se trata de relação sujeito-sujeito o desfazer-se se torna mais complicado, pois exige de ambas as partes comprometimento e cuidado para então ser uma relação de amor. O *amor líquido* diz respeito aquele tipo de relação onde um não considera o outro com tamanha grandeza a ponto de desprender os olhos de si em detrimento do outro. O amor líquido caracteriza-se pela fugacidade, pela ausência de diálogo, pelo mau uso dos meios tecnológicos e pela falta de interesse real em relação à outra pessoa. Quando se fala de mau uso das tecnologias é no sentido de que, muitas vezes se troca uma conversa amigável que conta com a riqueza dos gestos, do olho no olho por uma conversa pelo celular e/ou computador. É mais cômodo, é mais prático e também é menos

comprometida uma relação que se dá dessa forma, uma vez que, se algo te incomoda é só você fechar o bate papo das redes sociais ou dar uma súbita desculpa e desligar o telefone, por exemplo. É sabido que as tecnologias desempenham um papel importante na sociedade, facilitando a comunicação, assim como gerando um *rápido fluxo* de informação. O que é preciso diante disso, é uma atenção maior por parte dos sujeitos, para que toda essa facilidade não acabe virando uma dificuldade disfarçada ou até mesmo uma barreira que impeça ou substitua os encontros presenciais, o toque, os movimentos e toda vivacidade que só pode existir na presença do outro. Nesse sentido, Bauman afirma:

Esforços para manter à distância o “outro”, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais (BAUMAN, 2001, p. 126).

Toda vez que mantemos o outro longe e o temos como um estranho a nós estamos afirmando nossas fragilidades em lidar com aquele que pensa diferente, com aquele que tem valores diferentes, por exemplo. É certo que podemos escolher quem queremos perto de nós para compartilhar nossa vida, no entanto, é necessário fazer o movimento de enfrentar o desafio que é *estar com o outro*, o desafio que é dialogar cara a cara com o outro. Os laços sociais se tornam frágeis justamente por criarmos barreiras que já não conseguimos mais ultrapassar, barreiras que tornam o outro apenas um objeto de prazer e diversão. Joana tem uma “amiga” que só fala com ela quando está sem companhia para a balada, ambas não se interessam pela vida uma da outra, tanto faz se Joana está com problemas ou não, sua amiga não conversa com ela sobre isso, nem ao menos pergunta como foi seu dia. Esse é um exemplo básico de como se dá a maior parte das relações hoje em dia. A razão que

aproxima os sujeitos é tão frágil e pouco importante que por isso o laço é desfeito com tamanha facilidade e sem nenhum pesar. Assim como se dá a relação entre sujeito-objeto (se consume o objeto, utiliza-se o objeto) também se dá a relação sujeito-sujeito (se consume o outro e utiliza-se o outro como meio para satisfazer uma finalidade) sobre a relação de amor Bauman afirma o seguinte:

A parceria é somente uma coalizão de “interesses com fluentes”, as pessoas vêm e vão, as oportunidades batem à porta e desaparecem novamente logo após serem convidadas a entrar, as fortunas aumentam e diminuem, e as coligações tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis. As pessoas buscam parceiros a fim de escapar a aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes. O que se procurava/ansiava/esperava ser um abrigo contra a fragilidade revela-se sempre como a sua estufa (BAUMAN, 2004, p. 41)

Toda vez que se fala em amor líquido, parece que estamos tratando apenas dos jovens, no entanto, a forma líquida de se relacionar se expande a todas as idades sem restrições. Relacionar-se com o outro a fim de suprir uma necessidade, seja ela qual for, sempre acaba gerando frustração e dor, pois o outro não tem nenhum dever de ser abrigo. Uma relação pode sim ser amorosa e comprometida, mas isso depende dos dois participantes e não apenas de um, nesse caso, é preciso reciprocidade, isto é, ambos os sujeitos precisam estar a fim do mesmo tipo de relação e isso só pode ficar explícito coerentemente através do *diálogo*. No amor líquido acontece o contrário, não há diálogo, não há preocupação com o que o outro sente e pensa é tudo muito *light*, os olhares estão sempre voltados à próxima novidade, ao que pode vir depois, ao que pode ser melhor, não há um *cuidado com a relação*, assim como não há um *cuidado com o outro*. A aproximação acontece apenas para sugar o que o outro pode oferecer, seja prazer, dinheiro ou status social. Todavia, devemos nos perguntar se não pode haver uma *canalização significativa* num *vetor axiológico* satisfatório, dessa *liquidez amorosa*.

Conclusão

O estudo desenvolvido teve como principal proposta promover uma reflexão filosófica sobre o tema do amor. Primeiro, apresentamos as possibilidades de tratar o tema com Georg Simmel (o amor como *pathos* e como *philia*), Botton e Alberoni. Em seguida buscamos abordar o tema a partir de dois conceitos situados em teorias diferentes “amor ágape” com Kierkegaard e “amor líquido” com Bauman. Vimos que as duas abordagens do tema tem suas peculiaridades e tem seu ponto de partida de locais diferentes. O amor ágape tem como ponto de partida uma noção cristã de amor, trata de um amor genuíno, de um amor que se estende a toda humanidade e não têm preferências, no amor ágape o sujeito ama porque o amor é um dever. Além de ser um dever, o amor cristão só existe efetivamente se for representado através da ação, são os “frutos do amor” que revelam se ele realmente é ágape.

O amor líquido, por sua vez, tem seu ponto de partida na crítica da sociedade Pós-Moderna. Primeiro é necessário olhar ao redor, observar atentamente como se dão as relações no âmbito social, ou seja, no local de trabalho, na escola, assim de forma bem geral. Ao passo que se observa e percebe-se que as relações são pautadas na competição, na vantagem, na individualidade e no poder, então é possível caracterizar o que é o amor líquido. O termo “líquido” nos remete a algo que escorre algo que é difícil de segurar e essa é uma das características do amor líquido.

Assim, o amor líquido diz respeito ao tipo de relação que é fugaz (não se permite construir) que é desinteressada pela outra pessoa, que vê o outro como meio para satisfazer seus desejos. É um tipo de amor que tem como fonte uma sociedade líquida, e com isso, acaba tratando o outro muitas vezes como objeto, como mero acessório, sem nenhum comprometimento.

Comprometimento no sentido de estar para e com o outro, ser capaz de compartilhar todos os momentos da vida e não apenas os bons momentos.

Por fim, podemos considerar que vivemos em um tempo líquido e isso pode até parecer óbvio, porém, só é para aqueles que veem o mundo criticamente e infelizmente não são a maioria. As relações humanas enfraquecidas e empobrecidas só aumentam o desespero que é sentir-se cada vez mais só nesse mundo imenso. O desespero que é não poder contar com o vizinho, com o amigo e muito menos com o pai, por exemplo. Como podemos viver como se o outro não existisse se ele está em todos os lugares? O amor como dever, o amor sem nenhum interesse pode ser a saída desse precipício que é existir de modo individualista e utilitarista (usando o outro como meio). Cabe a nós, buscarmos um novo modo de existir. Um modo mais humano, que não veja o outro sempre como inimigo e concorrente, mas, que seja capaz de existir em harmonia com o outro. Um modo de viver no mundo que seja capaz de assumir os riscos de amar com doação e sem reciprocidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, F. **O Erotismo – fantasias e realidades do amor e da sedução**. SP: Círculo do Livro, 1989.

BOTTON, A. **Ensaio de Amor**. RS/RJ: L&PM/Rocco, 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2001.

BAUMAN, Z. **O amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para o Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KIERKEGAARD, S. **As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LANCELIN,A.; LEMONNIER, M. **Os Filósofos e o Amor.** RJ: Agir/Ediouro, 2009.

SIMMEL, G. **Filosofia do Amor.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.